

III Encontro de Editores de Revistas Científicas

Sr. Editor:

No desempenho da honrosa incumbência que nos foi concedida, a de representar os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia no III Encontro de Editores de Revistas Científicas, realizado em Ribeirão Preto, de 08 a 10 de março de 1988, encaminhamos-lhe o relatório resumido do que foi por nós ouvido. O programa que lhe segue anexo dá bem o nível da excelência dos assuntos e debatedores em conferências e mesas, enquanto o número de participantes do encontro (135) revelou-se-nos surpreendentemente bom. O interesse demonstrado nas iniciativas da ABEC, que agora já parece definitivamente implantada, assegura esperança de progresso da editoração científica brasileira, adiantando estimulantes perspectivas nesse campo.

Os trabalhos do primeiro dia do Encontro iniciaram-se com a apresentação e discussão do tema **FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA REVISTAS CIENTÍFICAS** (editores, autores, redatores e pessoal de apoio). Foi comentado que a comunidade científica brasileira ainda é "jovem" e que o editor científico deve agir como um formador de recursos humanos, apesar de, muitas vezes, ele próprio apresentar insuficiências técnicas nesse campo; que não é indispensável ter o editor cursado jornalismo, embora necessite bom conhecimento da sua área de atuação, de línguas, de simbologia no seu campo, de biblioteconomia e documentação, de comunicação e percepção, de técnicas de planejamento gráfico, de administração, de metodologia de pesquisa. Deve, também, saber interagir adequadamente com o pessoal auxiliar, redatores e autores. É, afinal, o responsável pela **definição da linha da revista**.

Para que os editores se tornem profissionais tão completos seria ideal que houvesse mais cursos de editoração. Convém que tais cursos apresentassem características diferentes dos existentes (destinados predominantemente a jornalistas), formando profissionais que atendessem a todas as áreas.

Comentou-se que o ideal seria que os cursos de pós-graduação tivessem a obrigação de proporcionar formação e reciclagem em redação técnica e que se criassem programas para auxiliares (datilógrafos, tradutores, gráficos, administradores, etc.).

A seguir abordou-se o tema **NORMALIZAÇÃO TÉCNICA DE REVISTAS CIENTÍFICAS**. Foram enumeradas as principais funções de um periódico: comunicação, disseminação da ciência e armazenamento de idéias, descobertas e teorias. Comentou-se a dificuldade de revistas nacionais fazerem a "memória" da ciência brasileira, já que os autores, muitas vezes, preferem enviar suas comunicações mais importantes e as inéditas a revistas do exterior.

Outro tópico mencionado foi a **qualidade** das revistas científicas brasileiras ("não pode ser melhor do que a da comunidade que representam"), sugerindo-se avaliação periódica. Foi comunicada a existência de alguns modelos de avaliação, entre os quais o Curso de Mestrado em Ciência da Informação (Rio de Janeiro). Este instrumento detectou que cerca de 30% das mais de 400 revistas "científicas" nacionais não têm a menor **normalização técnica**, discutindo-se a necessidade de fixar condições mínimas para a apresentação de periódicos, "para evitar o caos".

Lembrou-se a existência de normas para apresentação de originais, da Associação Brasileira de Normas Técnicas

e comentou-se a classificação dos periódicos em três grandes grupos (utilizada pela BIREME para catalogar os indexados no Índice Médico Latino-Americano): a) científicos (com mais de metade de suas páginas destinadas à publicação de resultados de pesquisa), b) técnicos (com mais de metade de suas páginas destinadas a artigos que emitem opiniões de seus autores) e c) de divulgação (com mais de metade de suas páginas destinadas a informes, noticiários ou divulgação científica).

Discutiu-se, também, o problema da **periodicidade** das revistas científicas nacionais nas quais a data da capa dificilmente coincide com a data da publicação (principalmente por problemas financeiros e de falta de material com qualidade adequada para aceitação) e o da **duração** das mesmas (muitas não passam do terceiro número).

A terceira sessão do Encontro foi sobre a **DIFUSÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA PELO IBICIT**, onde discutiram-se formas de difusão (sumários Correntes, divulgação postal, por computadores, microfílmagens de páginas de rosto, de teses e índices de revistas, etc.), de indexação de publicações e, também as formas de aumentar a aquisição de material nacional para as bibliotecas brasileiras.

A tarde do primeiro dia do Encontro (depois da divulgação de **PUBLICAÇÕES DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**) foi destinada à apresentação dos **PROGRAMAS (CNPq, FAPESP E FINEP) DE APOIO ÀS REVISTAS CIENTÍFICAS**, que visam, complementando dotações, apoiar uma revista de cada área do conhecimento, a elevação do estágio atual das revistas já conhecidas no exterior e dar condições para outras revistas terem desenvolvimento adequado. Os formulários para solicitação de recursos se encontram à disposição nas entidades financiadoras e o encaminhamento de alguns deles aos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia já foi solicitado por nós.

No final da tarde, foram feitas duas palestras sobre as **REVISTAS CIENTÍFICAS BRASILEIRAS E AQUISIÇÃO PLANIFICADA DE PERIÓDICOS E CRITÉRIOS PARA CREDENCIAMENTO DE REVISTAS CIENTÍFICAS PELA USP**.

O segundo dia foi iniciado com o assunto da **"PRODUÇÃO GRÁFICA DAS REVISTAS E REALIDADE ECONÔMICA BRASILEIRA"**. Embora nossas publicações periódicas vivam ainda, na maior parte, em regime "artesanal" no processo gráfico, com custos de produção (serviços e matéria-prima) superiores aos da inflação, pelo menos nos últimos anos, deve-se passar, na modernização que se faz necessária, ao uso da informática com seus recursos. Nesse campo, foram feitas algumas sugestões para agilização da redação, revisão, diagramação, etc. (como a do fornecimento, pelo autor, do trabalho em "diskete") e lembrada a possibilidade de intercomunicações entre revisores, redatores e autores através de redes de computadores. Um parque editorial de impressão conjunta parece, também, uma aspiração a ser concretizada, o que dependeria de agências financiadoras.

No assunto da **"ESTRUTURA EDITORIAL DAS REVISTAS CIENTÍFICAS E A FORMAÇÃO DE 'REFEREE'"**, é óbvio que o estágio de desenvolvimento da área ou sub-área à qual um periódico se dedica, é fator fundamental no conteúdo que ele publique. De qualquer modo, os critérios de qualidade dessas publicações são influenciados diretamente pela política editorial e nível dos assessores (ou consultores). Um periódico deve ter estrutura "aberta". Dois "revisores",

pelo menos, são aconselháveis, mas a decisão sobre a qualidade científica de um trabalho (embora esta não seja distinguida pela aritmética de opiniões) pode requerer a consulta a um terceiro membro da comunidade científica. Às vezes o próprio Editor faz esse papel. Orientação aos consultores não são aconselháveis: basicamente essa figura editorial deve ser competente na crítica, assumir seu papel pedagógico na melhoria da qualidade das publicações e sentir-se responsável pela recomendação (ou não) do artigo. Pressupõe-se, pois, que automaticamente examinará o padrão do trabalho em seu conteúdo e apresentação (experiência do autor, metodologia usada, tomada de conclusões em conformidade com os resultados apresentados, etc.) e opinará sobre a prioridade e relevância da publicação (embora a assunção desses critérios restritivos seja ainda difícil nas publicações nacionais). Convicente é a sugestão de que o parecer de um consultor vá não só ao autor do trabalho mas ao(s) outro(s) consultor(es): tal processo de cruzamento de informações seria altamente educativo para os próprios consultores, amadurecendo-os e à comunidade científica, no sentido de entendimento do exame da ciência como crítica impessoal. O sigilo sobre a autoria das opiniões é entretanto indispensável (ainda que em algumas áreas ele seja inútil). Sabe-se, então, que embora a competência de especialização seja necessária à crítica redatorial, ela não é suficiente: requer-se, mais, a capacitação pedagógica de deixar claro porque um trabalho é bom; e, ao se rejeitar outro, mostrar porque isso é feito. Além disso, cabe ao consultor sujeitar-se a cronogramas para o exercício de sua função, sem o que todo o esquema de publicação e o próprio autor podem ser seriamente prejudicados.

Na estrutura da Revista, as "revisões a convite", em forma de capítulos de atualização de um assunto e indicação de novas perspectivas a seguir, motivarão importantes segmentos da comunidade científica. O aproveitamento de resumos de trabalhos de apresentação em Congressos foi também discutido.

Na conferência sobre "REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA", deu-se a conhecer mais de perto as condições de publicação da revista "Ciência Hoje".

Na conferência sobre "AS REVISTAS BRASILEIRAS NUM CONTEXTO INTERNACIONAL" pôde-se aquilatar a verdadeira dimensão da pequena quantidade de nossas publicações relativamente às de outros países e, o que é mais triste, o baixo reconhecimento internacional de nossa produção. A final de 3322 periódicos acompanhados pelo Science Cita-

tion Index, apenas quatro (!) são brasileiros e só dois atingem um mínimo de requisitos numa análise de qualidade (os Anais da Academia Brasileira de Ciências e o Brazilian Journal of Medical and Biological Research, editado em Ribeirão Preto, apesar do nome...). De qualquer modo nota-se que os artigos brasileiros têm uma "sobrevivência" (período de tempo em que são citados) um pouco maior dos que os demais; e apesar do baixo "impacto" que oferecem, a qualidade dos artigos parece comparativamente melhor (das revistas indexadas, apenas 0,12% são brasileiras, mas das citações científicas, nossos artigos entram com 0,65% do total mundial). Afinal, cerca de 50% de toda a produção científica jamais chega a ser referida por outros autores. As sugestões para facilitação de um maior reconhecimento internacional são as de indexação nas principais publicações do gênero, resumos (e possivelmente até artigos) em inglês.

Nos debates da "POLÍTICA DE EDITORAÇÃO CIENTÍFICA" tornou-se patente a exigibilidade de certos "indicadores de perfil" (edição "aberta", i.e., não circunscrita a segmentos, corpo editorial eficiente, etc.) para o atendimento de pedidos de apoio. A FINEP, por exemplo, auxilia umas 25 revistas, mas pretende dobrar esse número. A FAPESP tem prestado socorros a periódicos em dificuldades circunstanciais, apoia algumas publicações com "credibilidade de mérito" e garante auxílio a toda publicação cuja pesquisa tenha sido objeto de bolsas por ela mantidas. O CNPq também apoia a editoração com base na capacitação de pessoal, geração de conhecimentos, divulgação e difusão da informação científica. A FAPERJ apenas dá os primeiros passos nesse sentido.

Finalmente, no assunto da "CIÊNCIA E REVISTAS CIENTÍFICAS, UMA INTERAÇÃO FUNDAMENTAL", apresentou-se um esboço histórico da evolução do conhecimento científico e de sua expressão, com comentários interessantes sobre a discrepância de opiniões entre consultores editoriais ao analisar a conveniência de aceitação de um artigo; o destino de trabalhos não aceitos por determinado órgão, etc.

Reiterando nossos agradecimentos pela distinção da incumbência, atentiosamente,

Ribeirão Preto, 13 de abril de 1988.

Maria de Lourdes Veronese Rodrigues

Harley E. A. Bicas

O processo do Aconselhamento Genético e sua indicação em Oftalmologia

CLÉLIA MARIA ERWENNE

Na patologia genética a doença é uma manifestação da constituição intrínseca de cada uma das células de seu

portador (do genótipo). Este fato torna a avaliação das suas possibilidades terapêuticas e do seu risco de ocorrência